

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
2 e 7 de Junho de 2023
AS TRAGICOMÉDIAS GEORGIANAS DE ELДАР CHENGUELAIA

TETRI KARAVANI / 1963
“A Caravana Branca”

*Um filme de Eldar Chenguelaia
e Tamaz Meliava*

Argumento: Merab Eliazishvili / *Diretores de fotografia* (35 mm, preto & branco): Leonid Kalashnikov e Giorgi Kalatozishvili / *Cenários e guarda-roupa:* Kristesia Lebanidzé e Dimitri Takaishvili / *Música:* Irakli Gejadzé / *Montagem:* N. Saradova / *Som:* Mikhail Nijaradzé / *Interpretação:* Imedo Kakhiani (*Gela Akhauri*), Ariadna Chenguelaia (*Martia*), Spartak Bagashvili (*Martly Akhauri*), Giorgi Kikadzé (*Vagila*), Merab Eliazishvili (*Balta*), Dokio Abashdzé (*Yavgira*), Gogutsa Kuprashvili (*Kivaura*), Valentin Donguzahvili (*Glakho*).

Produção: Quartuli Plmi (Tbilissi) / *Cópia:* do Centro Nacional de Cinema Georgiano (Tbilissi), dcp (transcrito do original em 35 mm), versão original com legendas em inglês e legendagem eletrónica em português / *Duração:* 93 minutos / *Estreia mundial:* Tbilissi, Fevereiro de 1964; apresentado no Festival de Cannes (competição oficial), em Maio daquele ano / *Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

As duas primeiras longas-metragens de Eldar Chenguelaia, destinadas ao público infantil - “**A Lenda do Coração de Gelo**” (1958) “**Conto de Fadas na Neve**” (1960) - foram co-realizadas com Alexei Sakharov. Também **Tetri Karavani** foi co-assinada por um colega realizador, Tamaz Malyava. Mas contrariamente aos seus dois primeiros filmes, que nunca considerou realmente seus e nunca incluiu nas suas filmografias, Chenguelaia sempre considerou esta sua terceira longa-metragem, embora co-assinada, como o seu verdadeiro primeiro filme. Pouco se sabe, fora da Geórgia, sobre Tamaz Malyava (1929-72), que realizou apenas cinco filmes, dois antes de **Tetri Karavani** e dois outros depois. Seja como for, é impossível detetar num filme realizado a quatro mãos o que foi concebido e executado por qual dos dois autores. É preciso ter ainda em conta o facto de que na União Soviética, como em muitíssimas outras partes do mundo, houve uma renovação na maneira de fazer cinema na primeira metade dos anos 60, embora não tenha havido guerra aberta entre jovens e velhos, pelo menos não em público. Basta comparar qualquer filme soviético (de qualidade, de “autor”) deste período com os dos anos 50, por melhores que sejam. É verdade que para um não especialista há semelhanças entre **Tetri Karavani** e algum cinema soviético do “degelo” de fins dos anos 50 – por razões temáticas e formais pensa-se no magnífico **Alenka**, de Boris Barnet – mas há também gigantescas diferenças com um filme como **Ya Shagayn po Moskva/“Passeio em Moscovo”**, realizado no mesmo ano por outro georgiano, Giorgi Danelia. Este filme tem um leveza de tom à *nouvelle vague*, ao passo que o filme que vamos ver tem um tom grandioso que se coaduna com o contexto narrativo, a vida de pastores e a transumância, além de ter uma estrutura narrativa muito mais tradicional. **Tetri Karavani** representou a URSS no Festival de Cannes (Fritz Lang presidia o júri), conjuntamente com o filme de Danelia, em tempos em que só havia a competição oficial (as outras seções do festival começaram a aparecer em 1969) e em que cada país escolhia o filme que o representaria.

O filme tem uma narrativa menos oblíqua e mais linear do que muitos filmes soviéticos do período. De modo clássico, é dividido em três partes, exposição (as deslocações dos pastores e do rebanho), crise (um deles não mais quer ser pastor) e resolução (a desgraça final). De certa forma é um *road movie*, embora a anos-luz deste género no cinema americano, porque aqui os personagens não se deslocam a esmo, têm um

destino preciso, que seguem anualmente desde sempre, de geração em geração, num ofício “*que data dos tempos de Cristo*”, como diz um deles para justificar que nada mude. De modo igualmente clássico, temos um personagem coletivo, no qual se destacam três indivíduos: Gela, o homem que quer outra vida e cuja voz ouvimos nas primeiras sequências, em *off*, como a de um narrador e não a de um personagem; o seu pai, patriarca de vastos bigodes e voz de baixo; e Martia, único personagem feminino deste filme povoado por homens rústicos, que traz um bem-vindo toque de delicadeza e espírito lúdico.

A mistura de audácia, vinda da paradoxal mistura de destreza técnica e um certo academismo (no sentido literal: de escola de cinema) que caracteriza muitos filmes soviéticos dos anos 60 e 70 é uma das marcas deste filme - e, queira-se ou não, **Tetri Karavani** é um filme *soviético* de expressão georgiana. Tudo é calculado ao milímetro, com complexos movimentos de câmara, um elaborado jogo com a escala de planos (grande plano, plano geral, etc.), a alternância constante e perfeitamente dominada entre os vastos espaços exteriores e os interiores, entre o movimento e a pausa. O tom de incerteza lúdica na sequência em que Martia é cortejada por um homem a cavalo e a chegada do grupo a uma cidade noturna, cheia de néones são momentos de cinema especialmente conseguidos. Há também verdadeiros rasgos visuais, várias sequências de efeito, bem doseadas, algumas das quais são espetaculares e arrebatam o espectador: cavalgadas; a sequência em que o homem e a mulher são filmados em silhueta e num picado em plano geral; os deslocamentos dos rebanhos; a grande ventania no fim, que inclui planos aéreos dos rebanhos em pânico e prepara, por contraste, o desenlace estático e quase silencioso.

Apesar do seu formalismo o filme é “habitado” e apesar do aspecto clássico ou neo-clássico do argumento, o desenlace de **Tetri Karavani** não é de todo previsível, antes pelo contrário. A luta entre a modernização da vida no campo e as tradições e superstições camponesas foi tema de alguns clássicos do cinema soviético mudo (“**O Sal da Esvanécia**”, de Mikhail Kalatozov; **O Velho e o Novo**”, de Eisenstein) e ainda estava na baila nos anos 60, como se vê por este filme e pelo filme de estreia de Andrei Konchalovsky, **Pervy Uchitel/ “O Primeiro Professor”**, de 1965. Este conflito entre o velho e o novo é um tema análogo a **Tetri Karavani**, cujo protagonista quer mudar de vida, de mundo. Num fatalismo surpreendente num filme soviético, embora provavelmente não na realidade georgiana, o homem é “punido” da maneira mais cruel, como se se tratasse de um castigo divino. Ele resigna-se com supersticiosa submissão, considera-se culpado pelo morte da mulher (“*Eles têm razão culpa é minha*”) e agora terá de buscar “outra vida” longe dos pastores, quer queira, quer não. Marcante do ponto de vista formal, o filme surpreende no seu desenlace, que até certo ponto é aberto, o que, salvo erro, é muito raro no cinema soviético.

Antonio Rodrigues